



NARRAR O VIVER: VOZES DA EJA SOBRE TRABALHO E FORMAÇÃO

**Leila Damiana de Almeida dos Santos Souza¹; Jailma dos Santos Pedreira Moreira²;
Milena dos Santos Souza Morais³**

¹ Profa. Dra., UFRB, Grupo de Pesquisa: Nupedes. leiladami@gmail.com

² Profa. Dra., UNEB, Grupo de Pesquisa: Língua(gem) e Crítica Cultural. jailmapedreira@uol.com.br

³ Profa. Doutoranda, UNEB, Grupo de Pesquisa: Nupedes. milsanza@yahoo.com.br

EIXO TEMÁTICO: 5. MUNDO DO TRABALHO E JUVENILIZAÇÃO DA EJA

RESUMO

O presente trabalho apresenta um produto técnico-educacional resultante da pesquisa desenvolvida no âmbito de um Mestrado Profissional. A produção audiovisual¹ tem como tema central as narrativas de estudantes-trabalhadores (as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estudo, de viés paulofreiriano, teve como objetivo analisar por meio de narrativas as significações relacionadas aos percursos formativos, as condições de sobrevivência, vida e trabalho. A entrevista semiestruturada, conduzida de forma dialógica, foi um dos instrumentos utilizados na investigação que teve inspiração etnográfica crítica subsidiou a produção do videodocumentário. Nele, estudantes evidenciam as injustiças sociais das quais são vítimas, mas também destacam a luta, enquanto sujeitos de resistência, por uma educação e vida mais justa.

DIZER A SUA PALAVRA

A pesquisa que resultou no videodocumentário se deu por meio de um processo dialógico em que os sujeitos, dizem “a sua palavra”, (Freire, 2018, p.13), não sendo meros repositórios acríticos. Ela, a palavra, torna-se instrumento pelo qual homens e mulheres tornam-se sujeitos de sua história.

Conforme a perspectiva paulofreiriana adotada, a palavra, tomada como central no processo educativo, não pode ser privilégio de alguns. A palavra precisa ser direito dos sujeitos históricos, cuja presença no mundo só se faz através do diálogo entre seres humanos para os quais o mundo não é apenas suporte. Nesse sentido, estamos diante de uma possibilidade de transformação através da dialetização, onde está em jogo a denúncia de situações desumanizantes e o anúncio da possibilidade de superação.

Buscamos assim, ao destacar seu direito a pronunciar seu mundo, ir ao encontro de uma pedagogia da resistência, cuja pauta da formação humana reconhece e valoriza os sujeitos através da escuta de suas vozes, suas histórias e lutas por libertação das injustiças. E, sobretudo, uma Pedagogia da Esperança, capaz de possibilitar a mulheres e homens se

¹ A produção está disponível em: <https://youtu.be/NxV2tnljbec>



saberem sujeitos da história, com voz ativa e crítica que se biografam ao dizer a sua palavra.

Emerge desse entendimento a compreensão da necessidade de escuta desses atores sociais frente ao desafio do desvelamento de vozes historicamente silenciadas, bem como as situações de desigualdade e exclusão, que constituem a realidade dos participantes do videodocumentário, sua prática social e sua condição de estudante e trabalhador (a) da Educação de Jovens e Adultos. Sujeitos para os quais a vivência democrática deixa de existir quando em seus espaços escolares lhes silenciam, calando o “direito de falar, de ter voz, de fazer o discurso crítico” (Freire, 1996, p. 58).

A perspectiva paulofreiriana orienta a análise e oferece os subsídios para pensar o reconhecimento e valorização das vozes, memórias, identidade, tendo por escopo a condução a uma vida mais justa, permeada pelo seu direito ao trabalho e a um saber humanizador.

A reflexão que o vídeo possibilita, confluiu com a necessidade de se contemplar a diversidade na Educação de Jovens e Adultos (EJA), cujas práticas e políticas tendem a sedimentar culturas e valores; não traduzindo a diversidade presente nos espaços educativos em que se fazem presentes os sujeitos da EJA. Assim, considerando que na realidade educativa e social desses sujeitos estão presentes as marcas da exclusão, se faz necessário a construção de propostas formativas adequadas às suas problemáticas. Enfatizamos ainda que as históricas descontinuidades das políticas educativas corroboram para que esses seres humanos constituam “as grandes majorias humilhadas, marginalizadas e excluídas do Brasil, da América Latina e do mundo” (Freire, 2013, p. 6).

Considerando assim a necessidade de escuta desses atores sociais, a etnografia crítica, apresenta-se como suporte metodológico, da pesquisa qualitativa através do estudo desenvolvido que foi do tipo etnográfico, ancorado em André (2009), Lakatos e Marconi (2003), Macedo, Galeffi e Pimentel, (2009) e Mainardes e Marcondes (2011).

Como Freire, juntamo-nos a eles e elas através dessa produção para que as vozes coletivas adquiram

[...] outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas (Freire, 1996, p. 39).

A defesa é a de que ninguém mais legitimado que os próprios sujeitos, estudantes trabalhadores da EJA, carregados de experiências cotidianas, étnico-raciais e culturais dos grupos aos quais pertencem para através de suas falas, vozes da raça, do gênero, da classe, possam pronunciar seu mundo, suas condições de sobrevivência, vida e trabalho.

Na Educação de Jovens e Adultos essa é uma exigência necessária, já que vivenciam o que Arroyo (2017) denomina experiência da exclusão, um dos campos que demarcam o lugar social da EJA. Condição que começa a ser modelada desde a infância e impacta seu percurso escolar (Morais e Souza, 2021). Desde a infância os sujeitos de classes populares aprendem a não dizer sua palavra. Um silêncio que vai se instituindo, contribuindo para o mutismo frente à opressão, cuja ruptura perpassa por uma educação problematizadora ou libertadora.



Sem que deixemos de reconhecer seus limites, reafirmamos a importância da educação, como a produção do vídeo comprovou através das vozes dos sujeitos que dele participou, que, “não podendo tudo, pode alguma coisa” (Freire, 2013, p.87).

A aproximação dos estudos do tipo etnográfico com o espaço escolar está alicerçada em André (1997, 2009) e apresenta diferentes contribuições aos estudos da experiência escolar. Mainardes e Marcondes (2011) destacam algumas dessas contribuições como forma de se compreender e descrever o fenômeno observado sob os pontos de vista dos entrevistados e da sua lógica de pensamento. Pois, não se deve ter a pretensão de apresentar dados acabados, muito menos apenas descrições ou reprodução de suas falas. Ou seja, na investigação é preciso ter o cuidado de, ao buscar as significações, não deixar que valores e julgamentos influenciem a investigação, assim, será possível admitir “outras lógicas de entender, conceber e recriar o mundo” (André, 2009, p.38).

Com este entendimento fomos ao encontro de Geertz (2008, p.10) quando traz que, sob esse viés, a pesquisa contribui para o alargamento do universo do discurso humano na educação que se torna então “um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível”. A adequação à pesquisa proposta é justificada por Mainardes e Marcondes (2011, p. 433) que abordam a sua contribuição à “investigação de processos de escolarização dos alunos da classe trabalhadora (acesso, condições de oferta, processos de aprendizagem, processos de exclusão)”.

Recorremos a Marcato (2014), na tentativa de fazer um deslocamento para o lugar do outro, para os participantes contarem a sua história na produção audiovisual produzida. Segundo o autor, em um documentário o ponto de partida do realizador, é sempre outro alguém, ou uma instituição, uma manifestação cultural, um lugar, ou um grupo de pessoas, e neste caso, estudantes-trabalhadores (as) da Educação de Jovens e Adultos.

Assim, objetivando dar visibilidade às demandas educativas dos (as) estudantes-trabalhadores(as), o vídeo documentário se mostrou como perfeitamente aplicável à interpretação educacional, se constituindo, complementarmente, nas palavras de Marcato (2014), como uma ferramenta para exibir os problemas sociais.

A classificação, quanto ao estilo e à produção, foi apoiada por Nichols (2009) e Ramos (2001, 2008). O estilo de documentário adotado é o participativo, que prevê a participação e intervenção dos envolvidos na sua produção. Nesse caso, os participantes da pesquisa puderam eleger sua forma de participação. A participação se deu após autorização mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em que autorizaram a coleta da voz ou imagem ou ambas e com ou sem distorção. Na produção também puderam manifestar-se livremente, tendo ação sobre o que seria exibido.

Por se tratar de uma produção artística não rígida e flexível, admite-se que diferentes estilos possam coexistir.

COMO DIZER

Seguindo as orientações propostas por AIC (2020), a produção do videodocumentário envolveu algumas etapas. A primeira etapa foi a pesquisa. Consistiu na validação da aplicabilidade das ideias preconcebidas para do material, pois, a questão crucial posta era: saber se os (as) estudantes-trabalhadores (as) estavam dispostos (as) a partilhar suas histórias. A etapa seguinte foi o planejamento. Tratou-se da organização dos elementos



técnicos como equipamentos e termos de participação. A chamada fase de argumento foi outra etapa, onde se justifica a relevância da proposta para a pesquisa.

A etapa do roteiro estabelecia a ordem da exposição pré-concebida, mas que não se deu de forma fixa, sendo, pois, flexível para contemplar as mudanças que poderiam ocorrer – e ocorreram – ao longo da gravação e filmagem. A etapa da coleta direta foi onde se captou as vozes dos sujeitos. Foi necessário o uso da criatividade, fazendo uso, quando necessário de músicas ou efeitos sonoros. Por fim, se chegou à etapa de edição e montagem final da narrativa.

POR QUÊ / PORQUE DIZER

O videodocumentário é resultante da narrativa de sujeitos que trazem para seus espaços escolares as injustiças sociais das quais são vítimas, mas também evidenciam a luta, enquanto sujeitos de resistência por uma educação e vida mais justas.

Na produção construída deseja-se alcançar a outros (as) estudantes-trabalhadores(as), como os participantes. Para tanto, à linguagem audiovisual foi uma opção de produto técnico-educacional por entendermos que, em comparação ao texto acadêmico, tem uma maior capilaridade entre os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos.

Os sujeitos, ao narrarem suas histórias vividas, suas experiências pessoais e coletivas, (re) significaram o próprio percurso existencial, possibilitando um reencontro reflexivo em que problematizaram o passado para empreender projeto futuro, ressignificando os seus percursos formativos e suas histórias de vida. Elaboraram conhecimento sobre si, sobre seus mundos sociais e sua atuação no mundo. Então a historicidade adquire sentido, pois pronunciar, fazer história, é estar presente, atuar nela e não simplesmente estar nela representado. Nessa experiência histórica, refletir, através das memórias acionadas e nas implicações do vivido, desvela aos sujeitos a esperança, a essência ética da sua presença marcante no mundo.

Esperamos que o material produzido possa se constituir como um estímulo para novas práticas e novos olhares na perspectiva da formação humana e emancipatória dos sujeitos de direitos. Sujeitos esses que tem suas realidades marcadas historicamente pela exclusão ou descontinuidade de ações adequadas e comprometidas com suas problemáticas.

Palavras-chave: Videodocumentário; Narrativas; Educação de Jovens e Adultos; Trabalho.

REFERÊNCIAS

AIC (Academia Internacional de Cinema). Como fazer um documentário: conheça as principais etapas. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/como-fazer-umdocumentario/>. Acesso em: 2 mar. 2023.

ANDRE, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. Tendências atuais da pesquisa na escola.

Cadernos CEDES, Campinas, v. 18, n. 43, p. 46-57, dez.1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/MhDwzBkpMD7DhBC59L3h6Wq/?lang=pt#>. Acesso em: 2 mar. 2023.



ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 2009.

ARROYO, Miguel. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança [recurso eletrônico]: um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire*. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido: o manuscrito*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire: Universidade Nove de Julho (UNINOVE): Big Time Editora/BT Acadêmica, 2018.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. *Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MAINARDES, Jefferson; MARCONDES, Maria Inês. Reflexões sobre a Etnografia Crítica e suas implicações para a Pesquisa em Educação. **Educ. Real**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 425-446, maio/ago. 2011.

MARCATO, Taís de Medeiros. *O sujeito no documentário torna-se o sujeito do documentário*. São Paulo: ABCine, 2014.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papyrus, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é Documentário? In: RAMOS, Fernão Pessoa e Catani, Afrânio (orgs.). *Estudos de Cinema SOCINE 2000*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001, p. 192-207.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* São Paulo: Editora SENAC, 2008.

SOUZA, Leila Damiana de A. dos S.; MORAIS, Milena dos S. S. Narrativas dos direitos em tempos de opressão e esperança. **Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade**, v. 10, n. 24, p. 199-213, jul./set. 2023.